

## Marian Masoliver ao documentar o “impacto do PEP”



*Marian Masoliver é uma cineasta que, juntamente com Simon Edwards, tem viajado para documentar o impacto que o Programa de Educação para a Paz está a ter junto de diversos grupos de pessoas. Neste blog, ela partilha alguns pensamentos sobre a experiência.*



Tudo começou quando fomos ao Equador no ano passado. Simon Edwards co-dirigiu com Rain Rucker um filme intitulado *A Paz é Inevitável*, que é sobre membros de gangues no Equador que ouviram a mensagem de Prem Rawat e como ela os inspirou a passarem do crime para a paz.

Eu era a entrevistadora e foi tão inspirador que voltámos lá este ano. Desta vez, estivemos três meses a trabalhar com os membros dos gangues, a ajudá-los nos seus esforços em defesa da paz. Estavam a tentar fundar uma associação cultural que os ajudasse a chegar a mais pessoas. Nessa altura, estavam a produzir um programa de rádio, “Reacciona”, que é difundido em todo o país na RPE, Rádio Pública Equador.

O programa é inspirado na mensagem de paz de Prem. Nós ajudámo-los a reencenar algumas das histórias que ele conta nas suas palestras internacionais. A nossa experiência profissional na formação de atores e direção de programas para teatro e cinema foi de grande utilidade neste projeto.

Enquanto estávamos no Equador, também trabalhámos com a TPRF para documentar o impacto que o PEP estava a ter noutras pessoas. Filmámos assim cenas de um PEP para pessoas idosas em Mitad del Mundo, em Quito.

Foi então que pensámos: “E se documentássemos o impacto do PEP no sistema educativo?” Assim, viajámos até às Ilhas Canárias, em Espanha, e documentámos o PEP na Universidade de Laguna, em Tenerife.

Também gostámos muito de ser convidados para um evento recente em Londres no *British Film Institute*, onde foi exibido o filme “*Paz por Detrás das Grades*”. Mais uma vez, entrevistámos pessoas que tinham participado no PEP.



Portanto, sim, neste último ano, falei com muitas pessoas de diversas origens que participaram no currículo do PEP. Fiquei muito impressionada porque, quando entrevistamos pessoas, elas normalmente falam abertamente de um lugar que é muito privado e íntimo, pois estão a falar de questões profundas, como a paz pessoal e uma nova compreensão das suas vidas.

É fascinante testemunhar o impacto do PEP. Aquilo que vi, depois de entrevistar mais de 60 pessoas nestes últimos dois anos, é que as pessoas ficam muito tocadas pelo programa. Não importa se são pessoas idosas ou membros de gangues, professores universitários ou estudantes, profissionais, empresários ou reclusos – ficam tocadas.

O PEP fá-las pensar. Quando frequentam as 10 sessões, as pessoas refletem e pensam. É como um *reset* para elas. Dizem para si próprias: “O que é que eu quero na minha vida? Estarei a focar-me naquilo que verdadeiramente quero? O que é importante para mim?” Fala-se com pessoas de todas as idades e torna-se evidente que estão a descobrir novas possibilidades para si próprias.

Recentemente, entrevistei uma pessoa da Serra Leoa que fugiu dos conflitos que lá existem – um senhor cego agora a viver no Reino Unido, onde participou no PEP. Ele ficou muito emocionado com o curso. Vem de uma zona de conflito intenso e foi espantoso ver como, independentemente da dureza das situações em que as pessoas se possam encontrar, o PEP pode ajudá-las a encontrar as suas próprias forças interiores.



A Fundação Prem Rawat está a trabalhar na edição de todo o nosso material de vídeo para mostrar este impacto do PEP. Estou ansiosa que as pessoas o vejam.

Para mim, este trabalho é muito inspirador. Quanto mais o faço mais o quero fazer. Quanto mais falo com pessoas, mais quero ajudar. Estou a ser proativa com o meu maior recurso – o meu tempo.

Por vezes, não é fácil realizar entrevistas quando existem diferenças culturais. Mas é gratificante, apesar de todas as barreiras ou das alturas em que temos de trabalhar um pouco mais do que gostaríamos. Sinto-me viva e cheia de alegria; tenho tanta energia que todos os contratempos realmente não importam. Quando os ponho na balança, os desafios nem têm peso.